

DAS ESTRELAS

A minha relação com Deus traduz-se no sentir-me exatamente como barro nas mãos Dele - O Oleiro. Eu resumo-me a nada, eu sou apenas um grão de areia no universo. Mas Ele, na Sua grandiosidade, generosidade e clemência pega em mim, transforma-me numa massa que Ele amassa, define os contornos, esmaga e resume novamente a nada. E recomeça. Eu sinto os amassos que me ferem, me fortalecem e me mudam. Eu sinto quando Ele criou algo novo e formidável. Sinto quando Ele esmaga tudo para recomeçar de novo e me faz sentir o vazio. O vazio Ele rega-o com amor. Depois, com carinho, Ele amassa-me, molda-me e quando sabe que criou algo extraordinário aos olhos Dele deixa-me a secar. Se algo não sai como era suposto, antes que eu me torne rocha, Ele verte um pouco da Sua santa água, volta a amassar-me e deixa-me a Secar. Ele tem fé em mim. Aos olhos Dele, à imagem Dele, a Seu tempo, tornar-me-ei uma Obra-Prima. Eis-me aqui Senhor, faça-me à Sua vontade.

Capítulo 1	9
Capítulo 2	17
Capítulo 3	51
Capítulo 4	85
Capítulo 5	107
Capítulo 6	125
Capítulo 7	221
Capítulo 8	257
Capítulo 9	291
Capítulo 10	305

Capítulo 1

Foi à despensa procurar uma vela para acender. Naquela caixa de cartão haviam várias velas brancas em copos altos de vidro com a espessura dum dedo com imagens de Jesus, Maria, de São Judas Tadeu e do Anjo da Guarda, as únicas comercializadas naquela loja no centro da cidade a preços razoáveis. No meio de todas elas, uma chamou a atenção de Julie por o vidro numa das partes laterais da vela, no topo, estar partido. Julie hesitou em acendê-la, mas também não pensava em deitá-la fora. Tinha a imagem da Nossa Senhora na frente. Para além da evidente parte estética que deixava a desejar, Julie tinha receio que algum dos seus filhos ou mesmo o seu marido se magoasse a acender ou a pegar na vela. Mas era sagrada, aquela vela era sagrada e não ia ser deitada fora. Acendeu o pavio com um fósforo, e pô-la no estrado de madeira da cozinha junto à imagem pendurada de Nossa Senhora com Jesus nos braços. Inicialmente, aquela vela irradiava a tão comum chama, a pacífica luz das velas. Não era como as outras, era diferente, e nem por isso era menos que as outras. Não era perfeita, mas ela também não. Julie ficou ali sentada no sofá, na sala escura enquanto falava com Liam sentado no sofá ao lado, iluminados por aquela pequena luz. Estava aborrecida com o que ele dizia e ia

responder quando viu na parede, paralela à vela, refletida uma imagem. Parou imediatamente de falar e ficou compenetrada no que via. Ali, refletida naquela estreita parede, a ocupar toda a sua estreita largura, estava a cara de Cristo com uma cruz no meio da Sua cara que fazia os contornos do nariz e da boca. Era perfeito, era majestoso, era Ele e era surreal estar ali na parede da sala deles, projetado por aquela vela partida. Ajoelhou-se. 'Bendito seja Jesus Cristo', bradou Julie.

*

Chorou, chorou, chorou tanto. Mas estas lágrimas corriam por dentro, não as conseguia arrancar, não as conseguia expressar.

Tinha duas paixões: a escrita e o mar. Não podia estar distante do mar, mas tinha estado todos estes anos e culpava-o a ele. Por se lembrar de culpas lembrou-se de todos os textos que tinha redigido naqueles anos. Textos tristes e sombrios e onde estavam? Provavelmente no lixo. Ele era quem reparava o seu telemóvel e o seu computador. Ela não era apta para novas tecnologias. Tantas vezes ele a desiludira. Havia perdido fotos, estragado ficheiros, apagado documentos que valiam tanto para ela, mas para ele eram só mais palavras e momentos empilhados. Tão triste e, no entanto, tão bonita e dramática tinha sido a sua vida até ali.

Suportara tudo por amor. Deixou o mar e as palavras na prateleira, por amor. Amor ao seu marido, amor aos seus filhos. E que lindo que fora

essa forma de o amar. Hoje questionava se ele merecera esse amor. Provavelmente não. Hoje, queria retomar a vida que a fazia feliz, os seus sonhos. Ninguém a ensinara a amar, a sonhar, a alcançar. Amou com paixão, com medo, com raiva, com sofrimento, com ternura, incondicionalmente, com lealdade. E naqueles sítios sombrios e pesados não conseguira nunca mais escrever. Não saía uma palavra. Abafara os gritos, engolira as mágoas e solidificara o sofrimento enraizado nos seus ossos que lhe davam a força para se levantar. Força que vinha de Deus, quem mais? E foi ali, olhando o mar, que não era o seu mar, mas era o mar, que ganhou novamente voz, que se lembrou de si. Mas só enquanto todos dormiam pois doutra forma ouviria os tristes e irritantes comentários ditos com tal condescendência que a faziam querer parar imediatamente.

Também lhe custava escrever uma só palavra que fosse sem um sítio só seu, sem um espaço só seu, uma cadeira só sua. Tinha que escrever sentada naquele sofá constantemente sujo dos seus amados cães e gatos e das suas doces crianças ao lado dele pois a casa era pequena e não havia mais nenhum outro sítio onde se sentar. Naquela pequena sala, amontoados naquele pequeno espaço estava uma mesa com cadeiras encostada a uma pequena janela que apontava para uma rua fechada e casas em frente. Ao lado estava o sofá, um sofá que compraram mais dispendioso que apontava a direção do estilo de vida que sonhavam alcançar. Era reclinável, com dois largos lugares, pele de imitação e de qualidade duvidável pois já tinha buracos na pele do uso e das unhas da gata também. Em frente, um armário pequeno, como o orçamento deles, muito vistoso de frente, mas com fundo falso atrás, testemunho da qualidade americana. Em cima do armário, uma módica

televisão, a segunda adquirida pois o filho partira o ecrã da primeira, crianças! Ao lado, a pequena kitchenette onde cozinhará tudo para todos desde coisas mais básicas a doces e refeições mais elaboradas; onde se amontoavam utensílios de cozinha, enlatados, pratos e panelas sujas, copos com flores que haviam sido arrancadas pelo seu filho e eram curtas demais para permanecerem nas jarras, o saco da comida para cão que não cabia no armário e as taças dos animais no chão. Ao fundo da sala, perpendicular à kitchenette, de frente para as maiores janelas da sala, uma mesa que comprara para o seu filho fazer os seus trabalhos que esperava por esta altura já a poder pôr num espaço mais amplo que nunca chegou. Nela, amontoavam-se tesouras, marcadores, lápis de cera pequenos, dos mais variados formatos e feitios, plasticinas, livros, recortes, desenhos e todo o tipo de atividades concluídas. No melhor quarto da casa, o beliche do seu filho, uma tenda, cortinas com estrelinhas, prateleiras amontoadas com livros, um armário, o mais caro que haviam comprado, com um aquário e um passe-partout com a foto da mãe e do pai. Nele, uma casa-de-banho privada devidamente decorada com um quadro do mar, copos para pasta de dentes e pratos de sabonete com tema marítimo e, finalmente, uma porta que conduzia a um armário de arrumações repleto de brinquedos e mais livros. O melhor para o melhor deles - o seu filho. A avaliar pelo quarto do seu filho diriam que a casa deles seria rica com bons armários de madeira maciça das melhores lojas, ampla e confortável. Longe da verdade. Era aquilo. Todo o resto estava gasto, velho e desconfortável. Lutava com todas as forças e pouco orçamento que tinha para que pelo menos ele pudesse viver essa vida bonita que desejava alcançar. Se ao menos ele pudesse vivê-la isso fá-la-ia feliz.

Estavam endividados e temia o dia em que também ele passasse a fazer parte da triste realidade em que se encontravam. A sua irmãzinha, bebê, já gatinhava e andava no meio de toda a tralha espalhada pela casa, pelo meio dos animais e das roupas sujas do irmão que teimava em não usar o pote para defecar. Numa certa ocasião fora doloroso e então ganhara medo e tentara não mais o fazer. Isso levava a que fosse preciso o uso de laxantes para que se fosse, aos poucos, se sentindo confortável novamente em usar o pote. Até lá, eram roupas sujas, fraldas gastas, tempo e paciência esgotados.

A bebê constantemente a grasnar, o menino a correr e a falar sem parar, a sua cabeça palpitava por dentro. Sentia um grito abafado no peito e uma vontade enorme de aparecer num outro lugar. Há vinte anos lhe pedira que mudassem as suas vidas, de pedir passou para implorar, de implorar passou para o espezinhar, de gritar passou para chorar. Estava de luto há muitos anos, não se vestia de preto, mas por dentro estava de luto pela morte da sua vida, pela morte dos seus sonhos, pela morte do sítio onde sonhara viver, pela morte das amizades que perdera, pela morte da família que nunca tivera, pela morte da alegria, pela morte da fé. Até ali, era uma dessas pessoas que sempre tivera fé apesar da vida desgraçada que tivera. E causara-lhe uma tristeza profunda em Nossa Senhora que tanto a ajudara nos momentos de mais aflição, que abençoadamente os guiara durante anos a porto seguro, não lhe concretizar o que tanto pedia.

Olhava a Sua imagem esculpida no barro, olhava-A na sua pequena estátua que teimava em cair incessantemente aos seus pés, olhava-a nos cartões que tinham sido facultados pela Igreja e nas velas acesas.

Olhava-A e perguntava-Lhe 'Porquê? Porque não me ajudas aos meus sonhos Mãe? Vês-me sofrer tanto e não me embalas. ` Tudo tem o seu tempo, e ela rezava para ser abençoada com os dons da paciência e da fé. Estava em guerra consigo mesma e com o seu marido que, sabia, não tinha quaisquer aptidões sociais. Alguém falara de problema de déficit de atenção. De fato tudo fazia sentido. Os sintomas de agressividade, de irritabilidade, de falta de organização e de pequenas tarefas serem sinónimo de 'prato cheio' enquadravam-se perfeitamente nele. Hoje, percebia que era um milagre ele ainda ter emprego e, sendo ele o único provedor da família, sentia medo, medo por si e pelo futuro incerto dos seus filhos. Se há anos lhe implorava por ajuda, sem ele a conseguir providenciar, que ajuda seria ele para os seus filhos? E por isso chorava porque sabia que estava só. Ele não sabia 'ler as situações` de maneira que amanhã podiam estar na rua sem nada pois nunca nada o faria suspeitar. O seu faro era igual ao de um boto, inexistente. Passou anos a tentar ajudá-lo, a tentar alertá-lo, mas de nada valera. Tempo perdido, nada valorizado por ele, e que lhe custou a sua juventude. Pelo menos agora ela sabia porque a sua mente estava sempre um *blur*, e perdoava-se por isso.

Mas e a sua carreira? Que iria começar a fazer com trinta e seis anos? Há dez anos que não trabalhava como jornalista. Não sabia como estar, como ser ou o que fazer. Sentia-se perdida. Pensava nas palavras dele 'Tu não tens estofo para este Mundo! `. Ele, que com vinte e dois anos vivia num quarto na casa da sua mãe adotiva que cuidava de tudo por ele, só faltando mesmo vesti-lo - atirava-lhe este dito à cara. Lembrava-se dos constantes telefonemas a cada cinco minutos a perguntar tudo e mais alguma coisa e da gaveta com as notas de vinte euros que, claro

está, tinham caído do céu. Mas não fora assim para ela que tinha vivido naquele orfanato aqueles anos todos à espera que uma família se lembrasse dela, gostasse dela, a levasse a ela. Ela, que testemunhara tantas crianças partirem com as suas novas famílias sem sequer ser notada. Ela, que estudara muito, sucedera em ter boas notas e trabalhara honestamente rodeada por homens. E de que lhe valera essa honestidade? pensava. De que lhe valera a integridade e a lealdade de permanecer ao lado do seu marido? Porque não o deixara? Que via ela nele, perguntava-se. Mas a resposta fora bloqueada. Lembra-se dessa pergunta lhe ter sido feita há quase vinte anos atrás quando também ela tinha dezoito anos. E lembra-se de também, nessa altura, não ter conseguido responder.

Ele era uma dessas pessoas otimistas sem motivo. Provavelmente fora isso que a cativara nele. Ele disse-lhe tudo que ela queria ouvir, fez-lhe todas as promessas, deu-lhe todos os resultados futuros, mas nunca alcançados. Era inteligente, capaz de desenvolver programas informáticos e de gerir pessoas e recursos como ninguém. Era simpático, estupidamente positivo, inadequadamente empático, socialmente desmedido. Mas era o seu marido e amava-o, nos dias bons. E quando o observava via um homem triste, desiludido com ele próprio, fraco, frágil. Era nesse momento que queria abraçá-lo e protegê-lo de tudo e de todos. Era o seu instinto maternal que infesta todas as mulheres e as faz ter tanta compaixão.

Capítulo 2

Um dia, cansados da sua vida rotineira, decidiram embarcar rumo a uma aventura sem fim. Atravessaram o Atlântico e partiram para o outro lado, para o País das oportunidades. Pensavam eles que iriam encontrar oportunidades. Assim que chegaram ela notou algo muito negativo, algo doentio naquela sociedade – o ódio, o egoísmo, a desumanidade entre as pessoas. Quando estava feliz e sorria não faltavam pessoas a espezinhá-la, a querer roubar um pouco da sua alegria. Quando estava triste e desiludida ninguém oferecia ajuda, todos apedrejavam e ignoravam. Mas que raio de País, com esse sistema, onde estariam as oportunidades? vociferou em voz alta para si. Comentou com ele, mas recebeu a resposta que sempre recebera ´era exagerada, generalizava, isso só acontecera num dos sítios` e em mais um, e em mais um, e em mais um...Disse-lhe que ninguém lhe iria dar nada, que ninguém o iria ajudar. Ele não acreditou mais uma vez nos seus instintos, se assim se podem chamar pois sempre haviam sido baseados inteiramente na realidade que os circundava.

Ela detestava a sua vida com ele. Todos os dias eram pesados, cansativos, iguais. Todos os dias tinha que argumentar, discutir, berrar para se fazer ouvir, gritar para se fazer entender. Sempre que falava com

ele, para além de ele não fazer nada e de não a apoiar em nada, ainda piorava tudo pelo que ela aprendeu a não lhe pedir ajuda para nada. Era ela, somente ela, sem a ajuda de ninguém, quem cuidava dos filhos e tratava da casa. Contabilizava as suas palavras, refreava os seus sentimentos, não partilhava emoções, ideias ou pensamentos com ele pois tornar-se-ia um martírio. Vivia, subsistia e chorava sozinha. Era comum encontra-la ao final do dia agachada num canto qualquer da casa a chorar de dor, de desespero, de tristeza. A cuidar dele, afastou-se de todos os seus amigos, não havia espaço para cuidar de mais nenhuma relação. Na sua cabeça, à noite, ainda entoavam as palavras dele. Sentia falta de paz, de sossego, de simplesmente estar. O Mundo já era tão ruidoso. Sentia falta dum porto seguro. E repensava toda a sua vida. Porque não o deixara? Pelo simples fato de saber que ele nunca a deixaria a ela. Por fidelidade, por amor, por pena e ultimamente pelos seus filhos. Sabia que se o deixasse ele podia cometer os maiores erros e dizer-lhes as maiores aberrações. Tinha que o vigiar, e só podia fazer isso se estivesse perto dele.

- Mãe, porque não posso ir brincar com o Matt?
- Filho, sabes, nem sempre os meninos se portam bem e têm a mesma educação que nós. O Matt é uma má influência...
- Oh, porque não o deixas brincar com o miúdo? Não se porta nada mal...
- Está calado! Está calado! Vai-te embora daqui. Sai daqui que estou a falar com o meu filho.

Este tipo de conversas e de interações eram comuns nos seus piores dias. E, às vezes, repetiam-se múltiplas vezes ao longo de um só dia.

Julie estava a tentar muito não perder a sanidade mental.

Consultou um psicólogo, descreveu-lhe a sua rotina. Ele sorriu e, num tom adivinhatório e perspicaz, disparou algumas perguntas:

- Ele esquece-se constantemente de coisas? Põe as coisas sempre em lugares diferentes?
- Sim! Sim!
- Ele pode ter síndrome de déficit de atenção. Eu vou-lhe enviar um teste, e ambos vão responder às questões: você e ele. Em casos extremos pode ser preciso tomar medicação.

Foi a primeira vez que Julie soube que esse transtorno podia levar alguém a ter que tomar medicação.

Era tão comum ouvir falar nisso que nunca imaginou que houvessem casos tão extremos que resultassem num diagnóstico formal. O teste tinha várias afirmações e, para cada uma delas, podia seleccionar-se 'raramente – às vezes – frequentemente – sempre'. As respostas às questões foram assinaladas pelos dois e, no final, a discrepância era significativa. Ele achava que às vezes e pouco frequentemente cometia tais ações. Ela achava que ele o fazia frequentemente e sempre. Saíram os resultados, era extrema a situação e exigia medidas extremas. Foi-lhe receitada uma medicação com anfetaminas. Ambos estavam renitentes. Anfetaminas podem facilmente causar dependência e ele já tinha propensão para abusar desmesuradamente do álcool e de qualquer outra bebida ou comida que gostasse. Tinha predisposição para diabetes como a sua mãe, e estava de tal forma em risco que Julie teve que passar a esconder todos os bolos, chocolates, doces e comidas

processadas por causa do seu alto nível de açúcar no sangue. As suas porções no prato tinham que ser pequenas: metade do prato com vegetais, um quarto do prato com arroz e o outro quarto com proteína. Se descobrisse uma caixa com seis donuts, comia-os a todos. Se encontrasse uma barra de chocolate, comia-a inteira, as bolachas todas do pacote ou uma caixa de gelado completa. Se abrissem uma garrafa de vinho, bebia-a toda. Por isso não podiam ter nada em casa. Um sacrifício obrigatório e irritante para Julie que o fazia por amor. Mas quando todos os seus outros problemas se começaram a acentuar, Julie entrou em desespero. Queria o divórcio, não aguentava mais. Mas não havia família nem ninguém para ajudar. Eram ambos órfãos. Os pais de Julie tinham morrido num acidente de carro quando ela tinha apenas seis anos e os pais de Liam tinham-no abandonado num orfanato à nascença tendo depois sido adotado por um casal que o abandonou novamente assim que ele saiu de casa em idade adulta. Se o deixasse, quem cuidaria dele? Não queriam os votos 'até que a morte os separe' dizer alguma coisa? Julie queria desesperadamente pegar nos seus filhos e bater com a porta, mas não podia fazê-lo. Era extremamente infeliz e infeliz continuaria a cuidar daquele homem. Todos os seus sonhos de ter uma quinta e o seu próprio negócio com franchisings pelo País estavam no fundo do poço. E principalmente o seu sonho de ser livre e de um dia ter alguém a seu lado com quem pudesse partilhar os bons e os maus momentos, os seus planos, os seus pensamentos mais intrínsecos e privados, alguém em quem pudesse confiar, e todos os dias cair nos seus braços e sentir-se segura, tinham-se desvanecido. Vivia com ele, mas sozinha combatia todas as adversidades contando apenas consigo própria. Desfazia-se em explicações aos seus filhos que

lhes saíam de forma pesarosa: 'O pai tem problemas de saúde, na cabeça. Apesar de tomar medicação não é fácil. Ele confunde tudo e esquece-se de coisas. Eu sei que é frustrante, mas peçam à mãe, a mãe ajuda-vos e resolve tudo.' Tinha procurado tanto por um bom pai para os seus filhos e tinha errado desmesuradamente. Ele já não era um homem. Era uma cadeira quando se sentava, um sofá quando se deitava, um armário quando estava de pé, um quadro na parede onde quer que fossem.

Julie e Liam leram acerca da droga prescrita pelo médico. Sendo ela a única dotada de pensamento crítico, era ela a única que tomava decisões. A informação prestada dizia que a droga em questão aumentava substancialmente o estado de alerta, o rendimento intelectual e a energia. Mas que havia um grande risco de abuso associado e que, a longo prazo, podia causar perda de apetite, problemas cardíacos e envelhecimento da pele. A caixa dos comprimidos ficou, portanto, na prateleira e procuraram uma alternativa mais natural. Encontraram uns comprimidos que não exigiam receita médica e que, de acordo com vários usuários, tinham grande potencial. Os comprimidos ajudavam, mas só se não houvesse qualquer mudança na rotina familiar, ou os níveis de stress e ansiedade dele aumentavam e ele exibia o mesmo tipo de comportamento usual ou pior. O irem a um restaurante novo, conhecerem um amigo novo, as férias, o início do novo ano escolar, mudança no trabalho ou mesmo uma carta das finanças eram o suficiente para despoletar nele comportamentos erráticos. Julie não sabia, mas naquele País toda a gente era diagnosticada com qualquer coisa.

*

Sentada naquela cadeira, rodou a aliança no dedo para trás e para a frente várias vezes. Não conseguia pensar, a raiva e a revolta que outrora sentira já não moravam mais nela, a mágoa estava lá bem cravada no fundo do peito, as lágrimas, essas, havia alturas que escorriam sem parar e outras em que se guardavam dentro de si eternamente. Daria ela lugar à loucura? Muitas mulheres da idade dela o haviam feito. Durante anos se queixara, gritara. Explicara o que queria, o que precisava. Não fora simplesmente ignorada, fora espezinhada, maltratada. Liam, ao contrário de Julie, não tivera qualquer demonstração de amor por parte de ninguém ao longo da sua vida. Cresceu sem afeto. Cresceu sem um abraço. Cresceu sem saber que podia chorar, que era libertador chorar, que era seguro chorar. Nunca tivera ninguém que validasse as suas emoções, que lhe assegurasse que era legítimo sentir raiva, alegria, tristeza. Tornara-se por isso apático, indiferente a tudo. Inquietava-se nos momentos bons e tentava trazer até si as más emoções porque lhe eram familiares. Aconchegava-se na raiva de nunca ter tido ninguém que o amasse, gostava de sentir a dor da perda porque assim acabava com a ansiedade e com o medo do que viesse a perder, boicotava a sua própria felicidade pois não conseguia sentir-se alegre, feliz, liberto. Era melhor, sentia ele, viver sempre na dor do que dar uma oportunidade à felicidade. Puxava tudo e todos para baixo. Às vezes arriscava, dava a si próprio pequenos períodos de lua de mel nos quais ousava ser feliz. Mas rapidamente caía

nele. Era exigente demais pedir a si próprio para ser feliz. Ele não merecia nenhum espectro de alegria. E agora Julie debatia-se com a possibilidade de mudar radicalmente a vela do barco da sua vida. Só haviam duas hipóteses: deixá-lo e recomeçar tudo de novo ou deixar-se cair na loucura fingindo viver uma vida que não era real e aparentando ser feliz. E tolos são os que fingem ser felizes. Julie tinha dois filhos para criar. Não se podia dar ao luxo nem de viver uma vida de fantasia, nem de ficar louca. Tirou a aliança do dedo e deitou-a na sanita. Puxou o autoclismo. Viveria uma vida autêntica como sempre o tinha feito. E começaria por ali. Não tinha um casamento autêntico logo seria hipócrita usar a aliança.

*

Era de noite, e preparavam-se para dormir, quando Liam se aproximou de Julie, segurou-lhe a mão com convicção, abriu-a como se dum presente se tratasse e com a sua mão bem fechada sobre a dela deixou lá cair algo ridiculamente pequeno:

- Toma. – disse ele com os seus olhos postos nos dela sem pestanejar e com um misto de tristeza e revolta na voz sem convicção – Encontrei a tua aliança na sanita.
- E não é tudo que lá foi parar...
- Porquê?!
- Porquê?! A sério?! Porque és negligente. Não me vês, não me falas durante semanas a não ser bom dia e boa tarde, não me beijas, não me abraças, não me tocas!
- Eu... eu...
- Tu. Tu. Tu o quê Liam?!
- Eu peço desculpa. Tenho andado preocupado.
- Eu conheço-te aos anos Liam! Sempre foste assim!
- Ah é que sabes sempre foi muito difícil... eu é que trato de tudo... e...
- Essa desculpa já não cola Liam. Estás por tua conta.
- Que quer isso dizer?
- Que eu não tenho mais que cuidar de ti, que me preocupar contigo, que ser tua amiga, que ser tua confidente, mulher, amante, nada! Sou livre para fazer o que quero quando quero com quem eu quero! Não cumpres como marido, eu não cumpro como esposa! Quem ama Liam, cuida!

Julie estava tão chateada e profundamente triste. Sentia como que uma faca na sua barriga e os olhos pesarosos. Estava numa tristeza de morte. Pensava em formas de magoar Liam. Julie não era rancorosa e perdoava facilmente. Com facilidade voltava a falar, a estar, a acarinhar como antes de qualquer discussão. Mas estava no seu limite. Nessa

noite sentia tanto frio por dormir sozinha naquela cama vazia que teve que vestir o pijama mais quente que tinha na gaveta - um camisolão e calças de algodão muito grossas e tão fofas que pareciam desfazer-se ao toque. Tentou dormir, mas não pregava olho. Toda ela tremia de frio. E até os dentes rangiam. Levantou-se e pegou no único cobertor que tinha em casa. Estava velho e posto de parte para doar para caridade pois já tinha até dois buracos de algo queimado. Eram pequenos, mas visíveis e tinham os contornos pretos. Atirou aquele cobertor abrasador de cor lilás baço dum lado e de cor branco sujo do outro para cima do seu édredon branco e fofo. Uns minutos passaram e, não tardou, Julie adormeceu num sono tranquilo, mas inquieto. Antes de ir para o outro mundo, esse dos sonhos e das viagens, agarrou o seu terço e olhando o presépio feito de estanho na sua mesinha de cabeceira pediu a Deus, enquanto lágrimas jorravam dos seus olhos, para não mais sofrer às mãos do seu marido, para se tornar insensível aos seus defeitos e genuinamente alegre todos os dias. Quando acordou, apesar de pesarosa e triste, desceu as escadas até ao andar de baixo onde o seu marido brincava entusiasticamente com os seus filhos. Julie sempre tinha júbilo para dar aos seus filhos, sempre. 'Temos que falar' dizia ele. Julie recusava-se a falar com ele. Na verdade, pensara muito sobre aquele momento. Sabia que, tal como acontecera em todas as outras situações passadas, Liam iria cair em si e pedir desculpa. E podia até repetir isto todos os dias durante vários dias. Passavam por momentos difíceis, e ele não se coibia de a magoar de forma alguma. Afinal de contas, Julie perdoava prontamente. Nisso Julie era uma mulher fácil e simples. Portanto, aos olhos dele, não haviam quaisquer consequências. Mas não desta vez, pensou Julie. Tinha pensado em

várias formas de o magoar, não porque queria (agir assim incomodava-a muito) mas porque era necessário. Fazer-lhe o mesmo, magoá-lo da mesma forma era a única maneira de o fazer entender a dor que lhe causava. Nos seus momentos de grande raiva e dor pensava em formas extravagantes de o magoar: encontros com outros homens que a iam buscar a casa, saindo ambos a rir e de braço dado enquanto Liam assistia; dormirem sempre em quartos separados; ignorá-lo completamente ou destruir as coisas que mais gostasse. Mas haviam outras coisas que tencionava definitivamente levar a cabo como não usar mais a sua aliança, abandonar a conversa sempre que ele falasse dos seus problemas, ignorar os seus pedidos e não o presentear com qualquer demonstração de afeto. Ao puni-lo a ele, Julie, sem perceber, estava a punir-se a si. Liam aproximou-se dela enquanto Julie divagava nos seus pensamentos. Pôs um braço à volta dos seus ombros e, por um momento, passou a massajar-lhe as costas enquanto Julie cortava o pão às fatias para por na torradeira:

- Desculpa querida, nunca te quero magoar. Acredita. Nunca faço nada para te magoar. Só ando muito preocupado, com muitas coisas na minha cabeça. Essa é a verdade.
- Estás a abraçar-me? Mudaste de ideias? Pensei que não gostavas de abraços.
- Como diz o outro, só um burro não muda de ideias. E eu também sou humano. Eu gosto de abraços e afeto.
- Deve ser um grande sacrifício para ti.
- Não querida, não é, obrigada por perguntares.

O dia seguiu com normalidade com conversas e até risos e quando os seus filhos foram dormir, Liam sentou-se a seu lado no sofá e um som emanava das suas pernas fletidas. Julie olhou e viu uma pequena caixa verde com um botão dourado abrir e fechar com a sua aliança de tom amarelo escuro, brilhante, reluzente. Liam olhou-a a convidá-la a pô-la. Julie sorriu, mas ainda sangrava por dentro. Na verdade, foi naquele momento que Julie percebeu que depois de ter sido magoada tantas vezes já não o amava da mesma forma, não com a mesma intensidade, com a mesma paixão. Amava-o, mas já não esperava mais nada dele e na sua lista de prioridades estava ela própria e os seus filhos.

- Ah, não Liam. Não vou usar.
- Ok... então guarda-a.
- Guarda-a tu.
- Ok.

*

O seu filho começou um novo ano escolar. Havia novos professores, novos horários e obrigações a cumprir, e novas pequenas e aborrecidas tarefas. Na primeira semana de aulas ele começou tal qual um roedor a andar em círculos, repetia as mesmas coisas vezes sem conta, não ouvia o que lhe era pedido e Julie tinha que repetir tudo três vezes aos gritos. Qualquer contratempo que tivessem, e que por consequência levasse a um desabafo por parte de Julie faziam-no entrar numa espiral de ansiedade. Esbracejava e gritava com todos ininterruptamente como

alguém em alto mar que está prestes a afogar-se. Julie estava farta de lhe atirar a boia e tinha que lhe pedir aos berros que parasse:

- Cala-te! Pára! Pára! ordenava-lhe ela aos gritos.
- Eu estou a dizer que ele não trouxe alguns dos livros dele de volta para casa. Ele já disse que se esqueceu deles na secretária! Ok?! Esquece! Esquece! Eu resolvo isto!

No dia seguinte, ela própria falaria melhor com ele e com o staff da escola para saber se não era algum miúdo mais velho a tirar-lhos. Iria espiar sozinha o recreio pelas grades, levá-lo à escola, buscá-lo à escola e se apanhasse algum miúdo a incomodá-lo havia de se ver com ela! Pregar-lhe-ia um susto daqueles.

Estavam exaustos, todos eles. Além dos seus trabalhos tinham que ficar até mais tarde a preparar refeições, passar roupas a ferro, dar banhos, conferir se todo o material escolar estava nas mochilas, fiscalizar trabalhos de casa e brincar com as crianças que tinham passado parte do dia fora. De manhã, era levantar bem cedo e trabalhar, trabalhar, trabalhar. Não se falavam, agiam como colegas de escritório que trocam mensagens de trabalho, e Julie passava grande parte do seu tempo a sonhar como seria ter alguém, um Homem e companheiro de verdade que a visse, ouvisse e entendesse.

- A professora mandou uma nota para casa que ele hoje esteve indisposto... – dizia Julie com o seu filho ao lado. Ainda não tinha terminado de falar...
- O quê?! Ele está bem?? Filho, estás bem?! Foi alguma coisa que comeu? Mandaste a comida para ele? Tens que ter cuidado,

estaria fora de prazo?! Ou comeu lá! Eles estarão a pôr alguma coisa na comida que...

- Pára! Pára! Cala-te! O teu filho está aqui ao lado, se ao menos o deixasses falar! E a mim! Não! Não foi nada disso! Ele diz que andou a correr e aos saltos depois de comer e vomitou! Foi só isso!
- Ah... ok. Porque não disseste logo?

Estes tipos de respostas provocatórias deixavam Julie fora de si, mas não havia mais nada a dizer, já tinha esgotado as suas palavras. Não queria mais falar. Quanto mais depressa terminasse aquela conversa, mais depressa iria para o seu Mundo dos sonhos. Lá, poderia imaginar estar casada com um empresário viajado e romântico que a levava em todas as suas aventuras, surpreendia-a constantemente com prendas e flores, e não perdia uma hipótese que fosse para a abraçar e beijar. Sussurrar-lhe-ia as palavras mais românticas ao ouvido e, mesmo cansados, andariam pela rua sempre de mãos dadas.

- Que estás a fazer? – perguntava-lhe ele enquanto ela se balançava na cadeira de baloiço do quarto do bebé com os olhos postos na janela e nos cortinados prazerosamente a viajar nos seus pensamentos.
- O que foi? Precisas de alguma coisa? – Julie parava imediatamente e punha-se em sentido.
- Não, só pensei que podíamos estar juntos. Ver um filme talvez.

Era como se ele soubesse que ela queria escapar ou tinha já escapado pelo menos nos seus pensamentos e a quisesse puxar para si, mas Julie sabia como terminavam esses serões. Ele adormecia com a cabeça no

seu colo nos primeiros dez minutos do filme como se fosse um gato e ela ficaria ali parada e imóvel como um vegetal em frente à televisão petrificada.

- Não me apetece, estou cansada... vou-me deitar. – Não tinha mais forças para se deixar arrastar novamente noutra grande desilusão. Preferia dormir e sonhar. Sonhar o dia em que os seus filhos fossem todos maiores de idade. Nesse dia, talvez pudesse resolver a sua vida e ser feliz.
- Foi alguma coisa que eu fiz?

Não valia a pena responder a isto. Todos os dias ele fazia as mesmas coisas e por mais que ela falasse, nada mudava. Não valia a pena responder a isto. Magoava-a por dentro a sua indiferença, a sua estupidez, a sua nulidade, o fingir que nada tinha acontecido. Passara anos a berrar-lhe aos ouvidos o que ele fazia de mal, estava exausta. Quando jovem era uma mulher alegre, carismática, cheia de energia. Chamavam-lhe a relações públicas porque ela, de forma cordial e educada, conseguia unir toda a gente e direcioná-los para o mesmo objetivo. Era ela quem organizava os jantares entre amigos e era ela que animava todas as festas. A sua alegria era contagiante. Vinte anos depois ali estava ela, a olhar por uma janela, sem amigos, sem família, sem ninguém. Não havia espaço para mais ninguém porque ele roubava-lhe todo o seu tempo e energia.

Fins-de-semana eram sinónimos de tormento. Eram os dias em que mais discutiam, eram os dias mais tristes. Esses e os das férias. Sentia-se desolada, triste, sem chão.

- Estás a ouvir? Estás a ouvir? – gritava Julie.
- O quê? Não! Chamaste?

Julie já o chamava há cerca de dez minutos ininterruptamente da casa de banho.

- Sim! Sim! Chamei! Onde está a toalha de banho? E o secador?! Os meus chinelos desapareceram também!
- Ah, ok, desculpa. Fui eu. Usei a outra toalha para limpar o chão e os teus chinelos porque não sabia dos meus. O secador não sei onde o pus.
- Estou tão farta! – desabafava ela em voz alta.

Julie saiu do banho.

- Estou farta Liam, farta. Tu precisas de ajuda, as coisas estão cada vez piores. Tu...
- O quê? Falaste? – respondia ele num tom provocatório. Julie, cheia de raiva, pegou na vassoura e atirou-lha. Acertou-lhe em cheio no nariz e fez jorrar sangue de imediato.
- Estou farta de ti! Farta! Desaparece da minha vida! – disse ela aos berros.
- O que é que eu fiz? O que é que eu fiz? – gritava Liam enquanto Julie se afastava. Liam chorava desesperadamente tal qual uma criança. Era um choro que não vinha da dor física que sentia, mas sim da dor emocional. A rejeição de Julie, vê-la tão zangada consigo fazia-o pensar que talvez o deixasse. Na realidade, o que mais temia era que Julie e os que mais amava, os seus filhos, o deixassem. Tinha pavor ao abandono, a dor do seu